

O Pequeno Artista e os Tons de Pele



Na segunda-feira, Caio chegou à escola com uma notícia importante: tinha ganhado uma caixa de quarenta e oito lápis de cor.

— Quarenta e oito! — repetiu, abrindo a tampa com cuidado. — Acho que consigo desenhar o mundo inteiro!

Caio gostava de desenhar coisas que ninguém esperava. Já havia feito uma bicicleta com asas, uma chuva de pipocas e uma girafa usando botas de borracha. Mas, naquela manhã, a professora Helena anunciou um desafio diferente.

— Na sexta-feira, teremos a exposição “Retratos da Nossa Turma”. Cada criança vai desenhar a si mesma e alguém de quem gosta muito.

Caio bateu palmas. Ia desenhar o avô Dito, que contava piadas ruins e fazia o melhor bolo de fubá do bairro.

Ele começou pela cabeça redondinha, depois desenhou os óculos, o bigode e as sobrancelhas que pareciam duas lagartas dormindo. Mas, quando chegou a hora de pintar o rosto, parou.

Pegou um lápis bege. Olhou para o papel. Olhou para a fotografia do avô que guardava na mochila.

— Hum... Esse não é o tom do vovô.

Experimentou um marrom bem escuro. Depois, um marrom mais claro.

— Agora parece que ele tomou banho de chocolate! — sussurrou.

A amiga Malu espiou por cima da mesa.

— Seu avô tem bigode de chocolate?

Caio deu uma risada.

— Não! É que não estou conseguindo encontrar a cor dele.

Malu mostrou seu próprio desenho. Tinha feito o rosto da irmã e pintado as bochechas de rosa tão forte que pareciam duas maçãs.

— A minha também ficou diferente — confessou.

A professora se aproximou.

— Vocês estão descobrindo uma coisa interessante: a pele das pessoas tem muitos tons. Às vezes, uma cor da caixa não representa exatamente o que vemos.

— Então preciso de mais quarenta e oito lápis? — perguntou Caio, preocupado.

— Antes disso, que tal observar e experimentar?

Naquela tarde, Caio foi direto para a casa do avô Dito.

O avô estava no quintal, tentando convencer um pé de tomate a produzir mais depressa.

— Vamos, tomate! Eu já comprei até o sal!

— Vovô, preciso fazer seu retrato. Mas sua cor está fugindo da minha caixa de lápis!

Dito levantou as sobrancelhas.

— Minha cor fugiu? Será que está escondida atrás do limoeiro?

Caio riu, mas mostrou a fotografia e os lápis.

— Olha. Esse fica claro demais. Esse fica escuro demais. E esse aqui parece uma bolacha queimada.

O avô puxou duas cadeiras para perto da janela, onde havia luz natural.

— Sente aqui, artista. Vamos olhar com calma.

Caio percebeu que a pele do avô parecia mais clara onde o sol tocava sua bochecha e mais escura debaixo do queixo.

— Tem sombra! — exclamou.

— E tem luz — respondeu Dito. — Nosso rosto não é uma parede pintada com uma cor só.

Caio virou a própria mão para um lado e para o outro.

— A minha também muda um pouquinho conforme a luz!

O avô sorriu.

— Agora, olha para esta caixa de fotografias.

Havia retratos de muitas épocas. Um mostrava a bisavó Ruth usando um vestido azul. Em outro, apareciam Dito criança e seus irmãos, todos abraçados diante de um portão de madeira.

— Esse menininho é você? — perguntou Caio.

— Sou eu, com um joelho ralado e uma vontade enorme de brincar.

— E por que sua irmã tem a pele de um tom um pouco diferente?

— Porque, mesmo na mesma família, as pessoas podem ter tons de pele diferentes. Nossa família negra tem muitos rostos, cabelos e histórias.

Caio colocou três fotografias lado a lado. Reparou nos olhos, nas expressões e nos sorrisos.

— Acho que vou precisar de mais papel também!

No dia seguinte, a professora organizou uma oficina de retratos. Sobre as mesas, colocou papéis, espelhos e lápis de várias tonalidades. Havia também materiais para sobrepor cores e criar sombras.

— Ninguém precisa encontrar um lápis perfeito — explicou. — Vamos observar com respeito e fazer escolhas de artistas.

Caio tentou usar marrom-claro e, por cima, um pouquinho de outro tom. No primeiro teste, apertou tanto o lápis que o papel rasgou.

— Ih! Abri uma janela no rosto do vovô!

Malu levou a mão à boca para segurar a risada.

— Pelo menos ele vai poder olhar a paisagem!

Caio pegou outra folha. Dessa vez, passou as cores de leve. Fez pequenas camadas, deixando a luz do papel aparecer em alguns pontos.

— Está melhor! — disse.

Mas ainda faltava uma coisa. Uma coisa importante.

Na quinta-feira, ele voltou à casa do avô com o desenho quase pronto.

Dito colocou os óculos e examinou cada detalhe.

— Meu bigode está ótimo. Meus óculos também. Mas você esqueceu minha pinta aqui perto da orelha!

Caio arregalou os olhos.

— É verdade!

Acrescentou a pintinha. Depois, desenhou o avental de cozinheiro que o avô sempre usava.

— Pronto! Agora é você!

O avô fingiu procurar algo no retrato.

— Tem certeza? Não vejo o cheiro do meu bolo de fubá.

— Vovô! Cheiro não dá para desenhar!

Os dois riram tanto que a avó precisou perguntar o que estava acontecendo.

Na sexta-feira, a exposição ficou pronta no corredor da escola. Havia retratos de crianças com tranças, cabelos lisos, cachos, óculos, sardinhas e sorrisos de todos os tamanhos. Cada desenho tinha seu jeito próprio.

Caio colocou o retrato do avô ao lado do seu. Os dois usavam o mesmo sorriso tortinho.

Malu se aproximou.

— Você conseguiu encontrar a cor certa?

Caio pensou antes de responder.

— Não encontrei uma cor só. Usei várias. E descobri a pinta escondida do vovô!

A professora observou os trabalhos.

— Vocês perceberam como cada retrato conta uma história? Não existe apenas uma cor de pele, nem um único jeito de representar uma pessoa.

Nesse instante, a porta do corredor se abriu. O avô Dito apareceu carregando uma travessa coberta com um pano.

— Trouxe uma obra de arte para a exposição!

Caio correu para recebê-lo.

— Vovô, é seu retrato em tamanho gigante?

— Melhor: bolo de fubá!

O cheiro delicioso se espalhou pelo corredor. Caio olhou para o desenho, depois para o avô, e teve uma ideia.

Pegou um lápis amarelo, desenhou um pedacinho de bolo no canto do papel e escreveu, com ajuda da professora: “Vovô Dito, das mil cores e do bolo mais gostoso do mundo”.

O avô deu uma gargalhada.

— Agora, sim! Esse retrato ficou com a minha cara!

E Caio descobriu que um bom retrato não precisava copiar cada detalhe perfeitamente. Precisava ser feito com atenção, curiosidade e carinho.

Na volta para casa, abriu sua caixa de quarenta e oito lápis e contou todos outra vez.

Ainda eram quarenta e oito.

Mas, depois daquela semana, pareciam conter possibilidades infinitas.

Fim.

Perguntas sobre a história

Após a leitura, incentive as crianças a recontar os acontecimentos e compartilhar suas impressões.

1. Qual era o desafio de desenho anunciado pela professora Helena?
2. Quem Caio escolheu retratar e por quê?
3. Por que Caio ficou em dúvida ao escolher um lápis para pintar a pele do avô?
4. O que Caio percebeu quando observou o rosto do avô perto da janela?
5. O que havia na caixa de fotografias do avô Dito?
6. O que aconteceu quando Caio apertou o lápis com muita força?
7. Qual surpresa o avô levou para a exposição da escola?

Para imaginar: Quem você gostaria de desenhar? Qual detalhe dessa pessoa não poderia faltar?